

Maldição dos recursos naturais

Agricultura e câmbio

APESAR DE fazer parte do pensamento econômico de que a abundância de recursos naturais traz vantagens comparativas, a história de vários países aponta para outra direção. Países da África e do Oriente Médio, por exemplo, embora disponham de grandes jazidas de petróleo e diamantes, apresentam índices de desenvolvimento muito baixos, com boa parte de suas populações vivendo abaixo da linha da pobreza.

Argumentos da maldição dos recursos naturais

A maior disponibilidade de recursos implicaria em ações deliberadas de grupos de interesse e os governantes para obter uma parcela maior do bolo produtivo por meio do que a teoria econômica denomina *rentseeking*;

A volatilidade de preços de *commodities* naturais dificultaria sua administração e a realização de investimentos que poderiam desenvolver o país;

O grande aporte de dólares que entrariam no país devido à exportação dos recursos naturais levaria a uma valorização cambial, que inviabilizaria o desenvolvimento de outros setores, mais intensivos em capital e tecnologia;

É evidente que em países com instituições frágeis, os grupos de interesse e governantes possuem maior liberdade para aproveitar as brechas do sistema em benefício próprio. Mecanismos e regras para aumentar a transparência e aplicação de punições mais rígidas podem reduzir e ajudar em dirimir este problema.

Quanto à volatilidade de preços, existem alguns instrumentos para mitigar as bruscas oscilações de receitas. O uso de fundos internacionais, em que as receitas obtidas em período de cotações elevadas são depositadas, evita grande volatilidade nas economias destes países.

Os problemas provenientes dos impactos cambiais são os mais complexos e de difícil solução. Este compõe o cerne da chamada Teoria da Doença Holandesa, que recebe tal nome devido ao fenômeno da sobrevalorização cambial ocorrido na aquele país nos anos 70, com a descoberta de grandes reservas de gás natural no Mar do Norte.

Mesmo que o uso de um fundo de reservas no exterior ajude a conter a valorização do câmbio, o mecanismo não conseguiria solucionar os casos mais graves do fenômeno. Geralmente, os países mais pobres não podem se dar ao luxo de dispensar o emprego dos lucros advindos das exportações.

Os países mais vulneráveis são aqueles que detêm reservas de recursos naturais exportáveis sem a necessidade de processamento ou qualquer tipo de industrialização. O petróleo seria um caso clássico que, segundo a teoria, inviabilizaria o desenvolvimento industrial dos países exportadores.

Alguns analistas consideram que países que dispõem de condições vantajosas para produção agrícola poderiam sofrer alguns sintomas desta doença. A produção de bens agrícolas a custos inferiores aos obtidos no exterior (rendas ricardianas, para os economistas) elevaria consideravelmente as exportações e este influxo de dólares valorizaria o câmbio. Como consequência, a indústria teria dificuldade em exportar além de concorrer com produtos importados mais baratos.

No Brasil, a afirmação de que as exportações agrícolas seriam responsáveis pela valorização cambial não obteve grande repercussão. Entretanto, países adotaram medidas intervencionistas sobre exportações agrícolas, como no caso das *retenciones* impostas pelo governo argentino sobre as exportações agrícolas. A justificativa do governo Kirchner é de que o instrumento anula os efeitos da doença holandesa e, com isso, mantém o câmbio em níveis competitivos e permite o desenvolvimento da indústria.

Porém, fica difícil apontar as exportações agrícolas como responsáveis pela valorização cambial sem considerar os efeitos da entrada de capitais financeiros. Muitas vezes, a entrada de capital ocorre em volumes superiores aos *superavits* do setor agrícola, o que quebraria a relação entre *superavits* agrícolas e câmbio valorizado.

Há ainda o fato de que a agricultura moderna está fortemente integrada às cadeias produtivas com o desenvolvimento tecnológico e industrial. Cada vez mais, as atividades no campo dependem de equipamentos e insumos com alto valor agregado, bem como de processamento e distribuição. Isso gera forte desenvolvimento no agronegócio e em outros setores da economia.

Então, apesar de existirem fortes indícios da relação entre a abundância de recursos naturais e a taxa de câmbio, fica difícil quantificar seus impactos. De qualquer forma, a valorização cambial que ocorre neste ano no Brasil, mostra-se mais ligada à entrada de capitais. Afinal, as exportações agrícolas brasileiras ainda não se recuperaram após a crise financeira e estão menores do que em 2008. ■